X SINGEP
Simpósio Internacional de Gestão, Projetos, Inovação e Sustentabilidade
International Symposium on Management, Project, Innovation and Sustainability
ISSN: 2317-8302
CYRUS Institute of Knowledge MAKE A DIFFERENCE
CIK 10th INTERNATIONAL CONFERENCE

Aventura metodológica? Um olhar para os estudos de liderança e sua fruição da "flexibilidade saudável" da análise fenomenológica interpretativa (IPA)

Methodological adventure? A look at leadership studies and their enjoyment of the "healthy flexibility" of interpretive phenomenological analysis (IPA)

VICENTE REIS MEDEIROS
PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL (PUCRS)

ANA CLARISSA MATTE ZANARDO DOS SANTOS
PUCRS

Nota de esclarecimento:
O X SINGEP e a 10ª Conferência Internacional do CIK (CYRUS Institute of Knowledge) foram realizados de forma remota, nos dias 26, 27 e 28 de outubro de 2022.

Aventura metodológica? Um olhar para os estudos de liderança e sua fruição da "flexibilidade saudável" da análise fenomenológica interpretativa (IPA)

Objetivo do estudo
Conhecer em que medida e de que forma os estudos de liderança aproveitam os espaços de "flexibilidade saudável" autorizados pela abordagem da análise fenomenológica interpretativa (IPA, na sigla em inglês) para incrementar e inovar no interior dessa perspectiva.

Relevância/originalidade
A inovação metodológica possibilita novos insights teóricos (Lê & Schmid, 2022), incentivando mais estudos nessa direção. Além disso, diferentemente de Brocki & Wearden (2006), que analisou a (in)adequação metodológica à IPA, este artigo investiga uma perspectiva inédita na área.

Metodologia/abordagem
Este estudo promove uma revisão de literatura inspirada em Wolfswinkel, Furtmueller & Wilderom (2013) para identificar 11 estudos de liderança que utilizaram IPA. Assim, analisou-se as estratégias de inovação e criatividade na coleta e análise dos dados e report dos resultados.

Principais resultados
Foram identificadas quatro estratégias que vão além das diretrizes recomendadas pelos fundadores da IPA: a) complementação; b) abordagem longitudinal; c) mapas mentais; e d) software de codificação.

Contribuições teóricas/metodológicas
O uso da IPA reforça a bricolagem na pesquisa qualitativa (Pratt, Sonenshein, & Feldman, 2022) e evidencia certa preferência por van Manen (1990). Este estudo responde Lê & Schmid (2022) sobre inovação metodológica e complementa a abordagem de Brocki & Wearden (2006).

Contribuições sociais/para a gestão
A IPA visa explorar experiências vividas dos participantes, constituindo-se em uma abordagem frutífera nas ciências sociais aplicadas, seja para estudos de âmbito social, seja de âmbito gerencial. Assim, este estudo busca também incentivar seu uso para novas contribuições teóricas.

Palavras-chave: Metodologia, Fenomenologia, análise fenomenológica interpretativa, pesquisa qualitativa, liderança

Methodological adventure? A look at leadership studies and their enjoyment of the "healthy flexibility" of interpretive phenomenological analysis (IPA)

Study purpose
To know to what extent and in what way leadership studies take advantage of the spaces of "healthy flexibility" authorized by the approach of interpretive phenomenological analysis (IPA) to increase and innovate within this perspective.

Relevance / originality
Methodological innovation enables new theoretical insights (Lê & Schmid, 2022), encouraging further studies in this direction. Furthermore, unlike Brocki & Wearden (2006), who analyzed the methodological (in)adequacy of the IPA, this article investigates an unprecedented perspective in the area.

Methodology / approach
This study promotes a literature review inspired by Wolfswinkel, Furtmueller & Wilderom (2013) to identify 11 leadership studies that used IPA. Thus, innovation and creativity strategies were analyzed in data collection and analysis and results report.

Main results
Four strategies were identified that go beyond the guidelines recommended by the founders of the IPA: a) complementation; b) longitudinal approach; c) mind maps; and d) encoding software.

Theoretical / methodological contributions
The use of IPA reinforces bricolage in qualitative research (Pratt, Sonenshein, & Feldman, 2022) and shows a certain preference for van Manen (1990) This study responds to Lê & Schmid (2022) on methodological innovation and complements the approach of Brocki & Wearden

Social / management contributions
IPA aims to explore the participants' lived experiences, constituting a fruitful approach in applied social sciences, whether for studies of a social or managerial scope. Thus, this study also seeks to encourage its use for new theoretical contributions.

Keywords: methodology, phenomenology, interpretive phenomenological analysis, qualitative research, leadership

1. Introdução

A pesquisa qualitativa é marcada pela diversidade, em que técnicas diferentes são aplicadas de maneira complementar, e flexibilidade, na medida em que as prescrições podem ser adaptadas às contingências de determinada pesquisa, possibilitando-a que se constitua segundo a metáfora de uma abordagem metodológica de bricolagem (Pratt, Sonenshein, & Feldman, 2022). Essa particularidade da pesquisa qualitativa pode ser vista como uma das justificativas para a realização de estudos sobre a prática da inovação metodológica, especialmente pelo fato de ela ser creditada como geradora de novos *insights* teóricos (Lê & Schmid, 2022).

Entre as diversas famílias metodológicas que compõem o universo da pesquisa qualitativa, a este estudo interessa particularmente a fenomenologia. Ora vista como filosofia, ora como metodologia (Gill, 2014), a fenomenologia se insere no paradigma interpretativo (Burrell & Morgan, 1979), cujas teorias são construídas a partir do ponto de vista do ator individual e a realidade social é vista como um processo emergente, uma extensão da consciência humana e da experiência subjetiva. O método fenomenológico consiste em descrever os objetos intencionais da consciência para torná-los visíveis e manifestos (Thévenaz, 1962), entretanto, sua proliferação em diferentes ciências sociais (enfermagem, pedagogia, psicologia) (Gill, 2014) e sua própria natureza simultaneamente metódica e tateante (Thévenaz, 1962), torna escorregadia a tentativa de captá-la de maneira unívoca.

Um olhar dicotômico para o método fenomenológico coloca, de um lado, vertentes descritivas de inspiração em Edmund Husserl (1859-1938) e, de outro, vertentes interpretativas de inspiração em Martin Heidegger (1889-1976), pupilo de Husserl (Gill, 2014). Uma destas últimas é a análise fenomenológica interpretativa (IPA, de *interpretative phenomenological analysis*), formalizada no início dos anos 1990 no campo da psicologia da saúde com intuito de explorar a visão de mundo dos participantes e, assim, descobrir significados (Smith, Flowers, & Osborn, 1997). A IPA é idiográfica, em que o foco é o particular; é indutiva; e utiliza a dupla hermenêutica, processo de interpretação em dois estágios em que o participante busca dar sentido para seu mundo e o pesquisador busca dar sentido ao participante tentando dar sentido ao seu mundo (Smith & Osborn, 2008; Smith, Flowers, & Larkin, 2009).

A IPA é marcada mais por recomendações do que prescrições e oferece certa "flexibilidade saudável" em suas diferentes etapas (Smith, Flowers, & Larkin, 2009). Com efeito, a inovação e a criatividade são incentivadas. Desse modo, este estudo busca compreender em que medida e de que forma os estudos aproveitam esses espaços de flexibilidade para incrementar e inovar no interior dessa perspectiva e o faz por meio do escrutínio de 11 artigos sobre o fenômeno da liderança, tema de interesse do autor. Assim, lança um olhar diferente para a abordagem, quando comparado, e.g., com Brocki & Wearden (2006), que analisou como a IPA foi utilizada em 52 estudos da área da psicologia da saúde observando técnica de coleta de dados, amostragem, avaliação de maior aplicabilidade da pesquisa e aderência aos fundamentos teóricos e procedimentos da IPA.

Para desenvolver a análise, este artigo apresenta uma visão geral sobre a fenomenologia seguida pelas particularidades da IPA, indica os procedimentos metodológicos utilizados para seleção dos artigos e complementa com as estratégias de inovação utilizadas pelos pesquisadores. Por fim, estabelece algumas reflexões para discussão unificadas com observações concludentes.

2. Fenomenologia: o significado das vivências na consciência e seu decurso, com influências, até os estudos organizacionais

Etimologicamente, fenomenologia provém dos termos gregos *phainomenon* (φαινόμενον) e *logos* (λόγος) (Boava & Macedo, 2011) e significa o estudo do fenômeno, entendido, originariamente, como tudo o que aparece, que se manifesta ou se revela, especialmente ao que existe exteriormente. Mesmo que o termo tenha aparecido no século XVIII, é com Edmund Husserl (1859-1938), considerado o pai do movimento fenomenológico contemporâneo, que a fenomenologia ganha estatuto de atitude ou postura filosófica e de movimento de ideias com método próprio.

Em termos husserlianos (Husserl, 2008), o fenômeno é encerrado no campo imanente da consciência e se refere a tudo aquilo de que podemos ter consciência. A consciência, para Husserl, é intencionalidade e ela só existe como consciência de algo, logo, não é uma substância, mas uma atividade constituída por atos (percepção, imaginação, volição, paixão) com os quais visa algo. Essa intencionalidade é de natureza lógico-transcendental, como um transcender, um dirigir-se à outra coisa. Assim, o objeto só pode ser definido em sua relação com a consciência por ser sempre objeto-para-um-sujeito. É a consciência intencional que faz o mundo aparecer como fenômeno (Zilles, 2008).

Em Husserl (2008), a noção de intencionalidade caracteriza uma nova relação entre sujeito e objeto, entre pensamento e ser. Trata-se de uma relação essencial em que estes são inseparáveis e sem os quais nem a consciência nem o mundo poderiam ser apreendidos. A intencionalidade da consciência significa que toda consciência é consciência de algo. Em virtude da intencionalidade, a própria noção de uma realidade em si ou de um objeto absoluto torna-se absurda e, em todo caso, impensável (Thévenaz, 1962).

Husserl não duvida da existência do mundo exterior. O que propõe é reduzi-lo ao fenômeno na consciência (redução fenomenológica), suspendendo o juízo – ou colocando-o entre parênteses – em relação à existência deste mundo exterior (*epoqué*) para chegar ao fenômeno puro. No fenômeno, procede a sucessivas reduções em busca da essência (redução eidética) (Zilles, 2008). O que é reduzido é o conjunto de julgamentos empíricos, racionais e científicos que fazemos do mundo na atitude natural. Seu propósito é trazer à luz esse contato intencional essencial entre consciência e o mundo, uma relação em que, na atitude natural, permanece velada. Dado que as essências não existem fora da consciência, a fenomenologia de Husserl busca a descrição dos atos intencionais da consciência e dos objetos por ela visados (Zilles, 2008).

Após o trabalho de Husserl, o movimento fenomenológico se fragmentou em diferentes linhas de desenvolvimento, especialmente a partir de nomes como Scheller, Heidegger, Schutz, Sartre, Merleau-Ponty e Arendt (Burrell & Morgan, 1979), e influenciou todas as principais disciplinas das ciências sociais, como educação, psicologia e sociologia (Holt & Sandberg, 2011). Por meio desta última que a fenomenologia impactou os estudos organizacionais, abrindo novas possibilidades para os pesquisadores para além das limitações das abordagens positivistas, sobretudo por meio da perspectiva interpretativa construcionista social.

Para Gill (2014), a fenomenologia é um movimento filosófico e uma família de metodologias de pesquisa qualitativa. Nesta última perspectiva, o autor desenvolveu uma tipologia que classifica e contrasta cinco metodologias fenomenológicas aplicáveis ao campo das organizações. De um lado, um grupo com base na fenomenologia descritiva de Husserl, de outro, com base na fenomenologia interpretativa de Heidegger. Deste modo, este trabalho buscou conhecer a análise fenomenológica interpretativa de Jonathan Smith (situada na segunda vertente) e como ela vem sendo utilizada para se investigar o tema da liderança.

3. Análise fenomenológica interpretativa (IPA): tentativa de inserir a pesquisa qualitativa na psicologia e o propósito de descobrir significados

A análise fenomenológica interpretativa, identificada com a sigla IPA (*interpretative phenomenological analysis*), nasce no início dos anos 1990 no campo da psicologia da saúde pelas mãos de Jonathan A. Smith em meio a um vigoroso debate epistemológico no Reino Unido com a típica segregação entre pesquisadores adeptos à abordagem quantitativa e aqueles simpáticos a perspectivas alternativas, mais especificamente, entre duas vertentes opostas: cognição social e análise do discurso (Smith, 1996). Esta última, em afronta à primeira, tem raízes na teoria dos atos de fala, na etnometodologia e na semiótica, em que os relatos verbais são assumidos como comportamentos (Potter & Wetherell, 1987). Apesar de a IPA e a análise do discurso compartilharem um compromisso com a relevância da linguagem, elas se diferenciam pela percepção do status da cognição. Enquanto a análise do discurso se preocupa em elucidar tarefas interativas realizadas por declarações verbais, IPA visa compreender aquilo que o entrevistado pensa ou acredita sobre o tópico em discussão (Smith, Flowers, & Osborn, 1997).

À IPA interessa elucidar a natureza de uma lacuna entre o objeto e a percepção individual desse objeto. Por essa razão, o campo da psicologia da saúde se mostrou fértil uma vez que, diante da enfermidade, as pessoas podem ter seu sentido de identidade ameaçado (Smith, Flowers, & Osborn, 1997). Assim, tomando a existência de entidades reais, como corpos e doenças, tem-se um pano de fundo útil para compreender processos subjetivos de percepção por meio da cadeia de conexão entre relato, cognição e estado físico (Smith, 1996).

A IPA, ora denominada método (Smith, Flowers, & Osborn, 1997), ora abordagem (Smith, Flowers, & Larkin, 2009), vale-se de uma propensão natural para a autorreflexão por parte dos participantes para explorar sua visão de mundo, adotando uma perspectiva de dentro do fenômeno em estudo. Esse acesso ao mundo do participante, no entanto, não pode ser feito diretamente ou de modo completo, pois depende e é complicado pelas próprias concepções do pesquisador por meio de um processo de atividade interpretativa (Smith, 1996). Com a premissa de permitir que os participantes contem sua própria história sobre o tópico sob investigação, ela busca descobrir significados, não eliciar fatos (Smith, Flowers, & Osborn, 1997), e o exercício de pesquisa é considerado um processo dinâmico com papel ativo do pesquisador (Smith & Osborn, 2008).

Uma das particularidades da IPA é a dupla hermenêutica. Trata-se de um processo de interpretação em dois estágios em que o participante busca dar sentido para seu mundo e o pesquisador busca dar sentido ao participante tentando dar sentido ao seu mundo (Smith & Osborn, 2008). Seu compromisso teórico é com a pessoa como ser cognitivo, linguístico, afetivo e físico e pressupõe uma cadeia de conexão entre a fala das pessoas, seu pensamento e seu estado emocional, cabendo ao pesquisador interpretar esses estados mental e emocional a partir do que verbalizam (Smith & Osborn, 2008). Apesar de ser uma abordagem recente no âmbito das ciências humanas, a IPA é erigida em raízes teóricas que remetem a saberes ulteriores, que serão apresentados a seguir.

4. IPA e suas raízes teóricas: a tríade formada por fenomenologia, hermenêutica e idiografia e como essas influências moldam as idiossincrasias e finalidade da abordagem

A IPA recebe influência de três áreas-chave da filosofia do conhecimento: fenomenologia, hermenêutica e idiografia e reconhece ainda um débito com o interacionismo simbólico.

Além do já exposto sobre a fenomenologia neste texto, na obra fundamental sobre a IPA (Smith, Flowers, & Larkin, 2009), os autores consideram o trabalho de quatro filósofos fenomenólogos: Edmund Husserl, Martin Heidegger, Maurice Merleau-Ponty e Jean-Paul Sartre, apesar de a fenomenologia ter sido ramificada ainda mais pela obra de outros filósofos e pensadores.

A partir da hermenêutica, vista como teoria da interpretação, a IPA enxerga o processo interpretativo não como regras mecânicas, mas um ofício ou arte, que envolve a combinação de uma série de habilidades, incluindo a intuição. Nesse sentido, os fenômenos têm certos significados visíveis, mas também podem assumir significados ocultos, cabendo ao pesquisador fenomenólogo ajudar a dar sentido a esse aparecer (Smith, Flowers, & Larkin, 2009).

Outro conceito presente na IPA é o de círculo hermenêutico. Ele evoca um pensamento dinâmico e não linear em que a parte se encontra presente no todo e vice-versa. Isso faz com que o processo de análise seja iterativo, com avanço e retrocesso, por uma variedade de maneiras diferentes de pensar sobre os dados. Desse modo, a palavra é vista em relação à sentença, um extrato em relação ao texto completo, o texto em relação à obra, a entrevista em relação ao projeto de pesquisa e um episódio singular em relação à vida completa do indivíduo (Smith, Flowers, & Larkin, 2009).

Por último, ao contrário de uma abordagem nomotética, IPA se vale de um olhar idiográfico, em que o foco é o particular, e o faz por meio de dois níveis. Primeiro, em um compromisso com a profundidade da análise, fazendo-a com que seja completa e sistemática. Segundo, buscando entender como fenômenos particulares foram entendidos da perspectiva de pessoas específicas em um contexto específico. Consequentemente, e essa é uma característica distintiva nessa abordagem, as pesquisas em IPA utilizam um número pequeno de participantes, selecionados propositalmente e cuidadosamente situados (Smith, Flowers, & Larkin, 2009).

Depois de apresentar as linhas gerais sobre a abordagem e suas raízes históricas, veremos quais são e de que modo são recomendadas as principais características metodológicas da IPA.

5. Diretrizes metodológicas em IPA: abordagem sugestiva, não prescritiva, e com "flexibilidade saudável", seis passos para a análise e a crítica de Amedeo Giorgi

A IPA é um método ou abordagem notadamente marcado mais por recomendações do que por prescrições. Seus propositores sugerem um número pequeno de participantes, algumas técnicas de coleta de dados, alternativas para interpretação dos dados e ideias para redação da análise, seguindo sempre certa "flexibilidade saudável" (Smith, Flowers, & Larkin, 2009). Entretanto, não definem até que ponto certa prática ou escolha viola seus princípios. Esse relaxamento foi justamente uma das críticas de Giorgi (2010) à IPA, que entende que a falta de limites claros para um método seja tão problemático quanto o uso de limites excessivamente rígidos.

A obra em que são apresentadas as recomendações para condução de uma pesquisa com as diretrizes da IPA é Smith, Flowers, & Larkin (2009). Desse modo, este será o texto de base para a composição deste subcapítulo. Especificamente em relação às etapas metodológicas, os autores as dividem em três: coleta de dados, análise dos dados e redação da análise, que serão aprofundadas a seguir.

A entrevista em profundidade individual com questões semiestruturadas é a técnica por excelência em IPA para coleta dos dados. Por meio dela, os participantes são convidados a fornecer um relato rico, detalhado e em primeira pessoa de sua experiência, o que facilita a eliciação de histórias, pensamentos e sentimentos sobre o fenômeno em análise. Para que essa abundância de dados emerja, ao pesquisador é necessário certo preparo. As perguntas, por

exemplo, devem ser abertas e expansivas e o participante precisa ser encorajado a falar longamente.

Em média, para participantes adultos e articulados, recomenda-se um roteiro entre seis a dez perguntas abertas permeadas por questões de solicitação (e.g., "fale mais sobre isso") em um diálogo que deve durar entre 45 a 90 minutos. A entrevista precisa ser gravada e a transcrição em verbatim. Os autores enfatizam que uma boa entrevista não é simples e que a prática estimula a sua qualidade. É necessário construir uma relação de confiança com o entrevistado, exige escuta atenta, saber usar o roteiro de modo flexível e estar pronto, inclusive, a abandoná-lo se necessário.

O número de participantes também é uma questão bastante flexível segundo as diretrizes da IPA. Os autores deixam claro que não há instrução correta nesse sentido e que o número pode variar. De todo modo, eles não deixam o público sem resposta e indicam que o tamanho padrão é composto por três participantes para um estudo de graduação ou mestrado, podendo chegar a oito em nível de doutorado. Além disso, escrevem também sobre o número de entrevistas, em vez de entrevistados, já que certos fenômenos longitudinais e "antes e depois" podem se beneficiar deste tratamento.

Em IPA, além da entrevista, podem ser utilizados também diários, observação participante e grupo focal. Para este último, recomenda-se quatro a cinco participantes. Além disso, os autores deixam claro que outras formas criativas para coleta dos dados são bem-vindas.

Na etapa de análise dos dados, a IPA é caracterizada como um conjunto de processos e princípios comuns que se movem do particular ao geral e do descritivo ao interpretativo, em um ciclo iterativo e indutivo. Baseia-se em uma série de estratégias flexíveis e não lineares, que incluem: análise minuciosa (linha por linha); identificação de padrões emergentes (temas); desenvolvimento de uma estrutura, quadro ou *gestalt* que ilustre as relações entre os temas; organização do material a ponto de permitir refazer o processo; uso de supervisão, colaboração ou auditoria na interpretação; desenvolvimento de uma narrativa que leve o leitor pela interpretação; e reflexão das próprias percepções, concepções e processos.

Nessa fase, são apresentados seis passos para análise de caso singular, que deverão ser repetidos caso haja mais de um. O primeiro trata da leitura e releitura da transcrição, que pode ser feita enquanto se escuta a gravação. A ideia é gerar um engajamento ativo com os dados em um processo de imersão. No segundo, chamado nota inicial, são examinados o conteúdo semântico e o uso da linguagem, buscando produzir um conjunto de notas e comentários. Podem ser feitos comentários descritivos, linguísticos e conceituais, buscando similaridades e diferenças, ecos, amplificações e contradições. Trata-se de uma abertura a um conjunto de significados provisórios. Nessa fase, pode-se ainda recorrer a estratégias de descontextualização, como ler o parágrafo do fim ao início ou uma frase por vez, ou anotações exploratórias, sublinhando trechos e justificando o porquê de sua escolha.

O terceiro se caracteriza por desenvolver temas emergentes, em que as notas são transformadas em temas. Envolve quebrar o fluxo narrativo da entrevista e representa uma manifestação do círculo hermenêutico. Essa fase requer um envolvimento mais interpretativo do pesquisador. Enquanto as notas iniciais podem parecer perdidas, abertas e contingentes, os temas devem capturar e refletir um entendimento. O quarto passo é a busca por padrões e conexões entre os temas emergentes, como em um quebra-cabeça. Isso pode ser feito por meio de abstração, subsunção, polarização, contextualização, numeração ou função. Há espaço para criatividade e se recomenda fazer anotações sobre como foi conduzida. Nessa etapa, é esperada a criação de uma tabela ou figura que represente o encaixe dos temas.

O quinto passo envolve repetir tudo o que foi feito com outro participante. Por último, o sexto é a busca por padrões e conexões por meio dos casos, visando entender como um ilumina o outro, quais se mostram mais potentes etc. Geralmente, essas relações são

apresentadas em uma tabela e se trata de um movimento do geral para o particular, ao contrário do que foi feito até então.

Finalmente, a etapa de redação da análise é vista como um processo criativo. Os autores sugerem se colocar no lugar do leitor: ele não estava ao lado do pesquisador durante a entrevista, logo, os resultados devem ser apresentados em uma narrativa completa, compreensível, sistemática e persuasiva. Grande parte da seção é construída por trechos de transcrição e o restante são as interpretações analíticas do texto. Nessa fase, destacam dois propósitos: apresentar os dados e interpretá-los. O objetivo é dar ao leitor um sentido amplo do todo e as considerações do pesquisador precisam ser apoiadas por citações (evidências). Uma narrativa de IPA representa um diálogo entre participantes e pesquisador e se reflete no entrelaçamento de comentários analíticos e extratos brutos.

Vale notar que as proposições dos idealizadores da IPA foram objeto de crítica por parte de Giorgi (2010), que também elaborou seu método fenomenológico, mas marcado por diretrizes rigorosas (Gill, 2014). Para Giorgi (2010), existe contradição na retórica dos fundadores da IPA. O fato de a abordagem ser apresentada como não prescritiva contradiz a apresentação de sugestões de como conduzi-la, além de contradizer à própria noção de método, que por natureza seria prescritivo. O excesso de largueza ou frouxidão também é criticado, uma vez que não há clareza quanto ao grau de latitude permitido na modificação da abordagem. Giorgi (2010) enxerga ainda falta de justificativa para a seletividade dos dados a serem analisados como problemático, pois não há indicações precisas de quais trechos merecem consideração. Isso, em seu entendimento, seria uma prática irresponsável e enviesada. Observa ainda uma relação ambígua com as raízes teóricas da fenomenologia e hermenêutica e critica a possibilidade de validação das análises com os participantes da pesquisa. Suas considerações receberam uma réplica (Smith, 2010), mas os detalhes não serão apresentados neste texto.

6. As perguntas norteadoras e os procedimentos seletivos que resultaram nos artigos analisados por este estudo

Como já visto, Smith, Flowers, & Larkin (2009) não oferecem imposições rigorosas, minuciosas e objetivas de um método e sim diretrizes flexíveis, além de exemplos, que podem ser adaptados à realidade e ao projeto de um pesquisador. Desse modo, apenas verificar a (in)adequação de artigos que utilizam a IPA como método ou abordagem às recomendações em Smith, Flowers, & Larkin (2009) não seria uma tarefa proveitosa. Uma vez que as diretrizes são bastante abrangentes e as fronteiras não são estreitas e fortemente demarcadas, o que se percebe como valor nesta análise é olhar justamente para aqueles elementos que os autores incentivam: a flexibilidade, a criatividade e a inovação nas diferentes etapas que compõem um estudo nessa perspectiva. Assim, o que se busca é compreender em que medida e de que forma os estudos aproveitam esses espaços de flexibilidade oportunizados para incrementar e inovar no interior dessa perspectiva ao analisar o fenômeno da liderança? Que estratégias os pesquisadores lançam mão a fim de melhor compreender as experiências vividas pelos participantes? Que novos recursos são utilizados na etapa de análise dos dados, como na organização dos temas emergentes? De que modo a criatividade se manifesta na escrita dos artigos?

Importante indicar que o objetivo não foi analisar exaustivamente todos os estudos sobre liderança que utilizaram a abordagem IPA, mas colher uma porção deles que possibilitasse verificar de que modo a flexibilidade, a inovação e a criatividade se manifestam ou não. Assim, este estudo se inspira no modelo proposto por Wolfswinkel, Furtmueller & Wilderom (2013), que oferece diretrizes para conduzir uma revisão de literatura tomando a *grounded theory* como

método, mas não segue com rijeza o passo a passo oferecido. As cinco etapas indicadas são: definição, busca, seleção, análise e apresentação.

A definição inclui os critérios para inclusão/exclusão de estudos, identificação dos campos para pesquisa, determinação das fontes apropriadas e decisão sobre os termos específicos de busca. Desse modo, os critérios adotados foram: a) estudos empíricos em que o fenômeno da liderança é investigado diretamente; b) estudos que utilizam IPA como método ou abordagem; c) estudos no idioma inglês. Os campos para pesquisa escolhidos foram aqueles de *Business, management and accounting* da base de dados Scopus. Os termos escolhidos para busca foram "*Interpretative Phenomenological Analysis*" (entre aspas) e *leader** no campo mais abrangente (título do artigo, resumo e palavras-chave). Na etapa de seleção, foram escolhidos somente estudos restritos a um tipo de documento (artigo) e o período delimitado entre 2010 e 2022 (o artigo correspondente ao ano de 2009 não se adequa ao primeiro critério). Desse modo, a busca resultou em 26 artigos. Os estudos foram organizados por ordem dos mais citados, visto que o número de citações representa o reconhecimento, alcance e consenso por parte da comunidade científica em relação a determinado estudo, e foram selecionados os 15 primeiros. Após uma análise mais profunda, quatro foram retirados por não atender ao primeiro critério, restando assim 11 estudos.

7. As estratégias de inovação dos estudos de liderança orientados pela IPA: complementação, abordagem longitudinal, mapas mentais e *software* de codificação

A motivação deste estudo foi buscar identificar em que medida e de que modo os estudos sobre liderança que utilizaram a abordagem IPA aproveitaram os espaços autorizados de flexibilidade e criatividade para inovar na forma como conduziram, metodologicamente, suas pesquisas. Em diversas passagens, os fundadores da IPA incentivam a adoção de novas práticas e diferentes técnicas, seja na coleta, seja na análise, seja na apresentação dos dados, suscitando a curiosidade em relação à atitude dos pesquisadores, se mais arrojada ou mais conservadora. Estarão os cientistas sociais, circunscritos ao limite já exposto, inclinados à aventura criativa possibilitada pela natureza da pesquisa qualitativa ou à obediência cega do rigor determinístico de inspiração cartesiana?

A partir do escrutínio dos 11 artigos selecionados, foram identificadas quatro estratégias utilizadas pelos autores que vão além das diretrizes recomendadas pelos fundadores da IPA: a) *complementação*; b) *abordagem longitudinal*; c) *mapas mentais*; e d) *software de codificação*.

A principal delas, e mais abrangente, podemos chamar de *complementação*, percebida sobretudo na fase da análise dos dados, em que os pesquisadores recorrem a técnicas e recursos oriundos de escolas e/ou autores diferentes, sempre no universo da pesquisa qualitativa. Essa estratégia foi verificada em seis dos onze artigos: Kempster & Cope (2010), Lewis (2015), Jit, Sharma, & Kawatra (2016), Andrews (2017), Hemmer & Elliff (2020) e Bradley-Cole (2021).

Em seu estudo, Kempster & Cope (2010) exploram a natureza da aprendizagem de liderança no contexto empresarial. Identificam na literatura que a liderança é aprendida por uma variedade de mecanismos naturalísticos e a contribuição da sua pesquisa é revelar um entendimento mais profundo sobre esses processos de desenvolvimento informal. Com esse intuito, a etapa de análise dos dados recebe contribuições não apenas da IPA, como também das elaborações de Hycner (1985), que oferece um conjunto de diretrizes para análise fenomenológica de dados gerados a partir de entrevistas. Trata-se de um texto publicado pelo menos cinco anos antes da aparição pública da IPA e que, apesar disso, não consta nas referências dos principais artigos sobre o método. Hycner (1985) elenca um passo a passo composto por 15 itens, alguns deles semelhantes aos seis passos para análise de caso singular da IPA. Entre eles, destacam-se ouvir a entrevista para ter uma noção do todo; delinear, agrupar

e treinar "juízes" para verificar unidades de significado; determinar temas a partir de agrupamentos de significado; e voltar aos participantes com o resumo e os temas e conduzindo uma segunda entrevista.

Além de se servir dessas diretrizes, Kempster & Cope (2010) também fundamentam sua análise com base em dois livros metodológicos de pesquisa qualitativa (Patton, 1990; Easterby-Smith *et al.*, 2002). A partir do primeiro, justificam a utilização de "memos" que foram capturados como notas reflexivas nos temas identificados na primeira etapa da análise (processo chamado de "familiarização/obtenção de *insights* na leitura do caso"); a partir do segundo, embasam uma análise de meta-nível entre os casos em que os temas principais foram comparados para identificar e explicar semelhanças e diferenças, criando relações entre os relatos na quarta etapa da análise (processo chamado de "associação/reconhecimento de padrão no desenvolvimento de temas entre os casos").

Já na etapa final da análise, em que Kempster & Cope (2010) elaboram o processo de explicação e abstração em diálogo com a literatura, os autores incorporam ideias de Eisenhardt (1989), texto clássico sobre construção indutiva de teoria a partir de estudo de caso, e de Yanow (2004), estudo que se apresenta, entre outras características, como hermenêutico, na medida em que adota um processo que vai e vem entre os dados empíricos e a teorização.

A mesma estratégia é percebida em Lewis (2015), que explora como a liderança empreendedora é desempenhada por uma mulher ao longo do tempo e como ser líder é integrado ao desenvolvimento da identidade empreendedora por meio do trabalho de identidade de gênero. A autora é quem mais emprega elementos para a fase da entrevista. Primeiramente, adota o método de entrevista múltipla – apresentado em Seidman (1998), mas desenvolvido por Schuman (1982) –, que coloca em relevo a importância do contexto da vida dos participantes. A primeira entrevista estabelece o contexto da experiência dos participantes; a segunda permite que os participantes reconstruam os detalhes de sua experiência dentro do contexto em que ela ocorre; e a terceira estimula os participantes a refletirem sobre o significado que sua experiência tem para eles. Em segundo lugar, indica que as entrevistas seguem a noção de perguntas de *grand tour* (Spradley, 1979), questões descritivas, de origem etnográfica, que incentivam os informantes a divagar sobre alguma temática, levando o entrevistado a, como em um "tour", fazer um breve percurso em algum período do tempo, sequência de eventos, grupo de pessoas ou atividades.

Na etapa de análise dos dados, Lewis (2015), ainda nas primeiras leituras das transcrições das entrevistas, inspira-se em Charmaz (1990), artigo que utiliza a *grounded theory* para estudar temas da psicologia social que atravessam diversas doenças crônicas, quando visa refletir ideias emergentes em vez de apenas descrever tópicos, permanecendo aberta a todas possíveis direções teóricas. Mais adiante, adota um processo de fratura e rejunte dos dados com base em Coffey & Atkinson (1996), autores que tratam a codificação na pesquisa qualitativa como um processo essencialmente heurístico. Em seguida, baseia-se em van Manen (1990) quando adota três abordagens para traduzir dados em temas (holística, seletiva e detalhada). Por fim, relaciona os achados com um mapa paradigmático do uso de estudos de casos na pesquisa sobre empreendedorismo desenvolvido por Perren & Ram (2004).

Em sua investigação sobre as estratégias de gestão de conflitos feitas por líderes servidores, Jit, Sharma, & Kawatra (2016) se apoiam no modelo de Plowman *et al.* (2007) para análise de narrativa. Essa técnica, conforme Plowman *et al.* (2007), foi feita por meio da criação de relatos narrativos independentes de cinco dos seis autores do estudo, que investigou o processo de mudança organizacional em uma igreja. Desse modo, foi possível observar padrão nos dados em relação ao contexto e ações organizacionais. Além dessa técnica, Jit, Sharma, & Kawatra (2016), assim como Lewis (2015), também se baseia em van Manen (1990) para identificar temas a partir dos dados. O interessante é que os autores utilizam apenas as duas

primeiras (holística e seletiva), sendo que a terceira (detalhada) é justamente aquela recomendada pelos fundadores da IPA. Finalmente, agregam ao estudo as indicações de confiabilidade na pesquisa qualitativa elaboradas por Lincoln & Guba (1985), compostas por confirmabilidade, dependabilidade, credibilidade e transferibilidade.

Andrews (2017), ao estudar os fatores psicossociais que influenciam os profissionais de sustentabilidade em seu trabalho para liderar, mostrou que outras fontes de dados podem ser utilizadas em uma investigação fenomenológica além da entrevista em profundidade, como diário do participante, documentos das empresas, observação indireta via gravação de áudio de reuniões e um diário reflexivo elaborador pelo próprio pesquisador. O mais interessante, contudo, foi o uso de um método de linguística cognitiva chamado de análise de *frame* e metáfora (Lakoff & Johnson, 1980), em que são analisados *frames* cognitivos usados no texto e os efeitos que essas estruturas podem ter em como as pessoas pensam e agem sobre certa questão. Trata-se de uma análise detalhada de microdiscurso em que o texto é destacado frase por frase ou palavra por palavra usando raciocínio amplamente abdutivo. Infelizmente, os resultados dessa análise não foram reportados no presente artigo.

Assim como Jit, Sharma, & Kawatra (2016), a pesquisa de Hemmer & Elliff (2020) também é complementada pelas indicações de confiabilidade de Lincoln & Guba (1985). Além disso, os autores vão além da entrevista em profundida e colhem dados a partir de fotos, comunicados, artigos de jornais e apresentações dos participantes, assim como notas de campo dos pesquisadores e reflexões e observações anotadas durante cada entrevista. Estas duas últimas técnicas são embasadas em Merriam (1998), dirigidas para a área da educação, em que a autora apresenta diretrizes para o trabalho de observação e para as notas de campo, apontadas como instrumentos para registro das observações do pesquisador e que serão fonte de dados brutos. Para a fase da análise dos dados, Hemmer & Elliff (2020), que exploraram como superintendentes entendiam as condições de sua liderança e as decisões tomadas antes, durante e depois do furacão Harvey, servem-se de Corbin & Strauss (2008) para fazer análise temática dedutiva e indutiva e utilizam uma ferramenta reflexiva colhida de Bertelsen (2005) imediatamente após cada entrevista em que os próprios pesquisadores eram forçados a examinar suas suposições, preconceitos e perspectivas enquanto trabalhavam para descobrir significados, propriedades e dimensões incorporadas nos dados.

Por fim, o último estudo identificado com a estratégia de *complementação* é o de Bradley-Cole (2021), publicado no periódico com maior fator de impacto entre todos, o *Leadership*, e que explora como os gerentes dão sentido à autenticidade de seus líderes por meio das percepções das suas trocas sociais. Bradley-Cole (2021) adota uma abordagem baseada em histórias experienciais e se inspira, essencialmente, em dois estudos (Shamir & Eilam, 2005; Sparrowe, 2005), todos de alguma forma interessados no conceito de liderança autêntica. De um lado, Shamir & Eilam (2005), e.g., argumentam que a liderança autêntica se baseia fortemente nos significados autorrelevantes que o líder atribui às suas experiências de vida, e esses significados são capturados na história de vida do líder. Os autores se servem do modo narrativo de saber de Bruner (1986) para justificar que as respostas que os líderes dão a perguntas existenciais (e.g., "quem eu sou?") são geralmente organizadas na forma de histórias de vida. Além disso, a história de vida fornece ao líder autêntico um sistema de significado, a partir do qual sentir, pensar e agir (Shamir & Eilam, 2005). De outro, Sparrowe (2005) se vale da filosofia hermenêutica de Ricouer, sobretudo a interpretação narrativa, e como essa forma de discurso serve para revelar a natureza e perspectivas para a existência humana. Essa tradição entende que a experiência humana é organizada em formas linguísticas ou textuais (incluindo símbolo, metáfora, narrativa), que dão origem ao pensamento (interpretação e reflexão) (Ricoeur, 1967).

Outra característica metodológica encontrada Bradley-Cole (2021) é o fato de se tratar de uma forma de investigação altamente elaborada que permite a articulação da narrativa contextualizada de cada participante. Essa particularidade é inspirada no trabalho de Mair (1988), que coloca acento na relevância que as histórias têm para a vida humana, a ponto de afirmar que não conhecemos o mundo a não ser como mundo da história, e de Pope & Denicolo (2001), em que os autores chamam a atenção para o papel da biografia como ferramenta e técnica que pode ser usada no ensino e na aprendizagem.

A segunda estratégia identificada, que apesar de estar presente nas diretrizes da IPA foi identificada em somente em um artigo (Lewis, 2015), é a abordagem *longitudinal*, em que o mesmo participante é entrevistado mais de uma vez em diferentes períodos no tempo. Em Lewis (2015), único estudo a contar com apenas um participante (quintessência da idiografia), este foi entrevistado duas vezes em um intervalo de cerca de uma década e a iniciativa foi justificada pelo fato de ser inestimável dar uma dimensão temporal à construção de sentido associada à construção de identidade. A autora se serve dos argumentos de Yin (2003), que coloca o caso longitudinal como uma das justificativas para um estudo de caso singular. Segundo o autor, a teoria de interesse provavelmente especificaria como certas condições mudam ao longo do tempo, e os intervalos de tempo desejados presumivelmente refletiriam os estágios antecipados em que as mudanças deveriam se revelar.

A terceira estratégia, uso de *mapas mentais*, foi identificada no artigo de Page-Shipp, Joseph, & van Niekerk (2018), que explora a dinâmica em um grupo de canto formado por pessoas que já ocuparam cargos de liderança sênior em suas carreiras profissionais. Apesar de os autores lançarem mão dessa técnica na etapa de coleta de dados, o texto não esclarece qualquer informação complementar: de que modo ela foi utilizada, tampouco se foi apropriada de algum outro autor. Por essa razão, o autor principal foi contatado por e-mail com intuito de elucidar essas particularidades. Em sua resposta à mensagem, informou que foram utilizadas folhas no tamanho A3 contendo as questões guia e que as respostas foram sendo anotadas durante a escuta das gravações nos respectivos espaços. Segundo o autor, essa medida foi adotada como alternativa à transcrição verbatim das entrevistas porque o estudo foi "autofinanciado", i.e., a contratação de uma "secretária" para transcrição seria "proibitivamente cara" e o uso de softwares de transcrição digital necessitaria "edição extensiva".

Finalmente, mesmo que o uso de softwares para codificação dos dados seja uma prática consolidada na pesquisa qualitativa, a mesma regularidade não se verifica nos estudos de liderança que utilizam a abordagem IPA. Desse modo, o artigo de Bradley-Cole (2021) foi o único a utilizar o Nvivo (pacote CAQDAS) nessa etapa da pesquisa.

8. Reflexões concludentes: os resíduos mais evidentes, observações complementares e as oportunidades de inovação metodológica

Este estudo procurou conhecer em que medida e de que modo as pesquisas sobre liderança que utilizaram a abordagem IPA aproveitaram os espaços autorizados de flexibilidade e criatividade para inovar na forma como conduziram, metodologicamente, suas pesquisas. Uma vez que não se tratou de uma busca exaustiva em todos, ou na maior parte, dos artigos existentes sobre o tema, esta verificação é bastante limitada. Todavia, acredita-se que foi possível identificar elementos significativos, gerar *insights* para ajudar a responder a questão principal e, sobretudo, aprender: seja sobre a abordagem IPA, seja sobre a possibilidade de inovar e incrementar a realização de pesquisas que seguem essa vertente metodológica. Vale registrar ainda que este estudo seguiu os princípios de uma abordagem epistemológica que prefere "ir a campo" e "ouvir os dados" buscando impor à realidade o mínimo possível (no máximo, uma questão de pesquisa e os vieses ineliminâveis de todo pesquisador) e, mesmo que

o resultado não tenha surgido a partir de uma análise rigorosa segundo os padrões da pesquisa qualitativa funcionalista, o que se encontrou foi bastante estimulante para suscitar a continuidade do estudo de maneira mais abrangente.

De um modo geral, o que se conclui é que raramente a IPA é utilizada de forma "pura". Dos artigos analisados, somente três seguem estritamente as diretrizes indicadas pelos fundadores da abordagem: Guihen (2017), que explora como vice-diretoras percebem o papel de diretora secundária; Nadeem & Garvey (2020), que explora as experiências de aprendizagem vividas por reitores acadêmicos em treinamento de liderança; e Moriah (2018), que explora como os diretores de escolas secundárias atribuem significado às suas experiências. Nos demais, em alguma etapa, pelo menos, existe a contribuição de técnicas oriundas de diferentes áreas do conhecimento. Há casos, inclusive, em que é feita uma única menção à IPA e todas as etapas são desenvolvidas com base em diretrizes alheias, como se observa em Lewis (2015) e Jit, Sharma, & Kawatra (2016). Aparentemente, esse é um recurso que pode enriquecer a pesquisa. Além disso, reflete a diversidade com que os pesquisadores enxergam as várias etapas: alguns se preocupam em justificar ou apresentar características para a formulação do roteiro de perguntas, outros se aventuram em recursos mais recentes, como análise de narrativa.

Entre os estudos, há também singularidades, como a pesquisa de Salomaa (2015) sobre os fatores que afetam o *coaching* bem-sucedido de expatriados, que submeteu as transcrições das entrevistas para aprovação dos participantes. O que usualmente é feito em IPA é o envio da interpretação que o pesquisador realiza na etapa da análise e que, inclusive, é objeto de crítica por Giorgi (2010). Assim, não se observa relevância na prática adotada pela autora, a menos que tenha sido feita em relação a alguma medida ética e/ou de transparência.

Outro recurso encontrado nos estudos e que chamou a atenção foi a adoção das diretrizes metodológicas de van Manen (1990) a respeito da pesquisa sobre experiências vividas. Em Gill (2014), o método fenomenológico desenvolvido pelo autor (fenomenologia hermenêutica) se diferencia daquele criado por Jonathan Smith na medida em que se origina da pedagogia, a metodologia é vista como poesia e o objetivo é transformar experiências vividas em uma expressão textual de sua essência. O que não se encontrou foram justificativas para a escolha da abordagem de van Manen (1990) em vez de Smith, Flowers, & Larkin (2009). Além disso, a abordagem de van Manen (1990) recomenda, além de entrevistas, que os participantes escrevam suas experiências para gerar textos originais ou "protocolos" (Gill, 2014). Trata-se de um recurso promissor que coloca em campo um exercício reflexivo do participante em certo grau diferente daquele possibilitado pela entrevista presencial. Entretanto, os estudos que seguiram as diretrizes de van Manen (1990) não adotaram essa técnica.

Por fim, entende-se que o espírito aventureiro e inovador dos estudos de liderança que utilizam a abordagem IPA se encontra em uma fase mais arrojada quando se trata da análise dos dados. Percebe-se o uso de técnicas e recursos de diferentes áreas, mesmo que essa seja uma prática regular na pesquisa qualitativa. No entanto, em relação à fase de coleta de dados, parece haver uma fase ainda tímida. Como destacam Smith, Flowers, & Larkin (2009), a pesquisa em IPA requer dados ricos e novas técnicas poderiam ser empregadas nesse sentido. Por exemplo, gravação da entrevista em vídeo, possibilitando um novo patamar de análise em relação à linguagem corporal; e uso de um diário reflexivo em que o participante expõe seus relatos e impressões em momentos de inspiração no seu dia a dia para além da ocasião da entrevista.

A inovação metodológica é salutar para a pesquisa qualitativa na medida em que possibilita gerar novos *insights* teóricos, aproveitando a diversidade e flexibilidade dos métodos que seguem essa abordagem (Lê & Schmid, 2022). Assim, este estudo buscou contribuir nessa direção, apesar de suas limitações, deixando portanto ânimo para que mais pesquisas sigam esse caminho.

9. Referências

Andrews, N. (2017). Psychosocial factors influencing the experience of sustainability professionals, *Sustainability Accounting, Management and Policy Journal*, 8(4), 445-469. https://doi.org/10.1108/SAMPJ-09-2015-0080

Bertelsen, P. (2005). *Free Will, Consciousness and Self*. Anthropological Perspectives on Psychology. New York, NY: Berghahn Books.

Boava, D. L. T.; & Macedo, F. M. F. (2011). Contribuições da fenomenologia para os estudos organizacionais. *Cad. EBAPE.BR,* 9(2), 469-487. https://doi.org/10.1590/S1679-39512011000600003

Bradley-Cole, K. (2021). Friend or fiend? An interpretative phenomenological analysis of moral and relational orientation in authentic leadership. *Leadership*, 17(4), 401–420. https://doi.org/10.1177/17427150211016163

Brocki, J. M.; & Wearden, A. J. (2006). A critical evaluation of the use of interpretative phenomenological analysis (IPA) in health psychology. *Psychology & Health*, 21(1), 87-108. http://dx.doi.org/10.1080/14768320500230185

Bruner, J. S. (1986). *Actual minds, possible selves*. Cambridge, MA: Harvard University Press.

Burrell, G., & Morgan, G. (1979). *Sociological paradigms and organizational analysis*. London: Heinemann.

Charmaz, K. (1990). Discovering Chronic Illness: Using Grounded Theory. *Social Science and Medicine*, 30, 1161-1172. https://doi.org/10.1016/0277-9536(90)90256-R

Coffey, A.; & Atkinson, P. (1996). *Making Sense of Qualitative Data*: Complementary Research Strategies. Thousand Oaks, CA: Sage.

Corbin, J.; & Strauss, A. (2008). *Basics of Qualitative Research*: Techniques and Procedures for Developing Grounded Theory. Thousand Oaks, CA: Sage.

Easterby-Smith, M.; Thorpe, R.; & Lowe, A. (2002). *Management Research*: An Introduction. London: Sage.

Eisenhardt, K. M. (1989). Building theories from case study research. *Academy of Management Review*, 14(4), 532-50. https://doi.org/10.2307/258557.

Gill, M. J. (2014). The Possibilities of Phenomenology for Organizational Research. *Organizational Research Methods*, 17(2), 118-137. https://doi.org/10.1177/1094428113518348

Giorgi, A. (2010). Phenomenology and the practice of science. *Existential Analysis*, 21(1), 3-22.

Guihen, L. (2017). The two faces of secondary headship: Women deputy head teachers' perceptions of the secondary head teacher role. *Management in Education*, 31(2), 69–74. https://doi.org/10.1177/0892020617696627

Heatherington, W.; & Coyne, I. (2017). Understanding individual experiences of cyberbullying encountered through work. *International Journal of Organization Theory & Behavior*, 17(2), 163-192. https://doi.org/10.1108/IJOTB-17-02-2014-B002

Hemmer, L., & Elliff, D. S. (2020). Leaders in action: The experiences of seven Texas superintendents before, during, and after Hurricane Harvey. *Educational Management Administration & Leadership*, 48(6), 964–985. https://doi.org/10.1177/1741143219873073

Holt, R. & Sandberg, J. (2011), Phenomenology and organization theory, Tsoukas, H. & Chia, R. (Ed.) *Philosophy and Organization Theory* (Research in the Sociology of Organizations, Vol. 32), Emerald Group Publishing Limited, Bingley, pp. 215-249. https://doi.org/10.1108/S0733-558X(2011)0000032010.

Husserl, E. (2008). *A ideia da fenomenologia*. Lisboa: Edições 70.

Hycner, R. H. (1985). Some guidelines for the phenomenological analysis of interview data. *Human Studies*, 8(3), 279-303.

Jit, R.; Sharma, C.S.; & Kawatra, M. (2016). Servant leadership and conflict resolution: a qualitative study. *International Journal of Conflict Management*, 27(4), 591-612. https://doi.org/10.1108/IJCMA-12-2015-0086

Karassvidou, E.; & Glaveli, N. (2015). Work-family balance through border theory lens: the case of a company "driving in the fast lane". *Equality, Diversity and Inclusion*, 34(1), 84-97. https://doi.org/10.1108/EDI-05-2014-0038

Kempster, S.; & Cope, J. (2010). Learning to lead in the entrepreneurial context. *International Journal of Entrepreneurial Behavior & Research*, 16(1), 5-34. http://dx.doi.org/10.1108/13552551011020054

Lakoff, G.; & Johnson, M. (1980). *Metaphors we Live by*. Chicago, DC: University of Chicago Press.

Lê, J. K., & Schmid, T. (2022). The Practice of Innovating Research Methods. *Organizational Research Methods*, 25(2), 308–336. https://doi.org/10.1177/1094428120935498

Lewis, K. V. (2015). Enacting Entrepreneurship and Leadership: A Longitudinal Exploration of Gendered Identity Work. *Journal of Small Business Management*, 53(3), 662-682. http://dx.doi.org/10.1111/jsbm.12175

Lincoln, Y. S.; & Guba, E. G. (1985). *Naturalistic Inquiry*. Beverly Hills, CA: Sage.

Mair, M. (1988). Psychology as storytelling. *International Journal of Personal Construct Psychology*, 1(2): 125-137. http://dx.doi.org/10.1080/10720538808412771

Merriam, S. B. (1998). *Qualitative Research and Case Study Applications in Education*. San Francisco: Jossey-Bass.

Moriah, M. P. (2018). Giving voice to headteachers using interpretative phenomenological analysis-IPA: Learning from a Caribbean experience. *Management in Education*, 32(1), 6-12. https://doi.org/10.1177/0892020617748141

Nadeem, I. A.; & Garvey, B. (2020). Learning Experiences for Academic Deans: Implications for Leadership Coaching. *International Journal of Evidence Based Coaching and Mentoring*, 18(2), 133-151. http://dx.doi.org/10.24384/6s7r-q077

Page-Shipp, R.; Joseph, D.; & van Niekerk, C. (2018). Conductorless singing group: a particular kind of self-managed team?. Team Performance Management, 24(5/6), 331-346. https://doi.org/10.1108/TPM-09-2016-0041

Patton, M. Q. (1990). *Qualitative Evaluation and Research Methods*. London: Sage.

Perren, L.; & Ram, M. (2004). Case-Study Method in Small Business and Entrepreneurial Research: Mapping Boundaries and Perspectives. *International Small Business Journal*, 22(1), 83-101. https://doi.org/10.1177/0266242604039482

Plowman, D. A.; Baker, L. T.; Beck, T. E.; Kulkarni, M.; Solansky, S. T.; & Travis, D.V. (2007). Radical change accidentally: The emergence and amplification of small change. *Academy of Management Journal*, 50(3), 515-543. https://doi.org/10.5465/amj.2007.25525647

Pope, M. L.; & Denicolo, P. M. (2001). *Transformative Education*: Personal Construct Approaches to Education and Research. London: Wiley-Blackwell.

Potter, J.; & Wetherell, M. (1987). *Discourse and social psychology*: Beyond attitudes and behaviour. London: Sage.

Pratt, M. G., Sonenshein, S., & Feldman, M. S. (2022). Moving Beyond Templates: A Bricolage Approach to Conducting Trustworthy Qualitative Research. *Organizational Research Methods*, 25(2), 211-238. https://doi.org/10.1177/1094428120927466

Ricoeur, P. (1967). *The symbolism of evil*. New York, NY: Harper and Row.

Salomaa, R. (2015). Expatriate coaching: factors impacting coaching success. *Journal of Global Mobility*, 3(3), 216-243. https://doi.org/10.1108/JGM-10-2014-0050

Schuman, D. (1982). *Policy analysis, education, and everyday life*. Lexington, MA: Heath.

Seidman, I. (2006). *Interviewing as Qualitative Research*: A Guide for Researchers in Education and the Social Sciences. 3rd ed. New York, NY: Teachers College Press.

Shamir, B.; & Eilam, G. (2005). What's your story? A life-stories approach to authentic leadership development. *The Leadership Quarterly*, 16(3): 395-417. http://dx.doi.org/10.1016/j.leaqua.2005.03.005

Smith, A. R. (2017). Insights into the shifting perspectives of members of the Gypsy and Traveller community on schooling, and implications for school leaders. *Management in Education*, 31(1), 14–20. https://doi.org/10.1177/0892020616683337

Smith, J. A. (1996). Beyond the divide between cognition and discourse: Using interpretative phenomenological analysis in health psychology. *Psychology & Health*, 11(2), 261-271. http://dx.doi.org/10.1080/08870449608400256

Smith, J. A. (2010). Interpretative phenomenological analysis: a reply to Amedeo Giorgi. *Existential Analysis*, 21(2), 186-192.

Smith, J. A., Flowers, P., & Larkin, M. (2009). *Interpretative phenomenological analysis*: Theory, method and research. London: Sage.

Smith, J. A., Flowers, P., & Osborn, M. (1997). Interpretative phenomenological analysis and the psychology of health and illness, in L. Yardley (Ed.), Material Discourses of Health and Illness (pp. 68-91). London: Routledge.

Sparrowe, R. T. (2005). Authentic leadership and the narrative self. *Leadership Quarterly*, 16(3): 419-439. https://doi.org/10.1016/j.leaqua.2005.03.004

Spradley, J. P. (1979). *The Ethnographic Interview*. New York, NY: Holt, Rinehart & Winston.

Thévenaz, P. (1962). *What is phenomenology?* And other essays. Chicago: Quadrangle Books.

van Manen, M. (1990). *Researching Lived Experience*: Human Science for an Action Sensitive Pedagogy. Ontario, Canada: The University of Western Ontario.

Wolfswinkel, J. F., Furtmueller, E., & Wilderom C. P. M. (2013). Using grounded theory as a method for rigorously reviewing literature. *European Journal of Information Systems*, 22, 45-55. https://doi.org/10.1057/ejis.2011.51

Yanow, D. (2004). Translating local knowledge at organizational peripheries. *British Journal of Management*, 15, S9-S25. https://doi.org/10.1111/j.1467-8551.2004.t01-1-00403.x

Yin, R. K. (2003). *Case Study Research*: Design and Methods, 3rd ed. Thousand Oaks, CA: Sage.

Zilles, U. (2008). A fenomenologia husserliana como método radical. In: Husserl, E. *A crise da humanidade europeia e a filosofia*. 3. ed. Porto Alegre: EDIPUCRS.